

Resenha de *As Revoluções do Capitalismo*, de Maurizio Lazzarato

VICTOR MOURÃO¹

“Jamais on ne débute par l’échange.”

Gabriel Tarde

Maurizio Lazzarato é um filósofo e sociólogo italiano, radicado em Paris, que vem dedicando seus esforços na direção de entender o capitalismo contemporâneo, tendo escrito trabalhos relacionados a temas como trabalho imaterial e capitalismo cognitivo. Na interface entre estas perspectivas, produziu a obra “As Revoluções do Capitalismo” que não se caracteriza por uma discussão econômica no sentido estrito: apenas um dos capítulos aborda esta questão de maneira direta. Ou antes: não se trata de uma análise econômica do capitalismo, mas de uma análise política do mesmo, não enquanto um modo de produção específico, mas enquanto uma maneira específica de criação de mundos.

As duas grandes ascendências intelectuais deste livro são Gabriel Tarde e Gilles Deleuze. Basicamente, trata-se de uma leitura deleuziana de Tarde, que fez sua própria leitura de Leibniz ao abrir as mônadas às influências recíprocas, aos fluxos de crença e desejo que são fundamentais para a estruturação da realidade. Outras grandes influências são Mikhail Bakhtin, (com sua teoria linguística, que é vista como uma questão ontológica e política por Lazzarato), e Michel Foucault (através de um brilhante e pequeno artigo de Deleuze, *Post Scriptum* Sobre As Sociedades de Controle). O grande antagonista do livro é o Marxismo, acusado de ser um operador totalizante, que subsume a

1 Victor Mourão é doutorando em Sociologia pelo IESP-UERJ, e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

criação do novo, das alternativas possíveis, a um único mundo (26; 191-2; 244.²

Lazzarato tenta operar uma refundação ontológica ao colocar o “acontecimento” como ponto focal de invenção social, de criação de mundos possíveis, momento de inauguração do processo de experimentação e criação. O caráter imprevisível e arriscado do acontecimento é ressaltado, e o exemplo-mor do acontecimento político são os movimentos de Seattle em 1999. Através desta refundação ontológica, trata-se de refutar a “filosofia do sujeito”, atribuída a autores como Kant, Hegel e Marx, em favor da “filosofia da diferença”, cuja genealogia que passa por Leibniz, Tarde, Bergson, Deleuze e Félix Guattari. “Acontecimentos, não mais essências: a ruptura é radical” (54).

A recriação conceitual operada por esta corrente desloca as noções de produção e de trabalho da centralidade teórica dada pelo marxismo, colocando importância fundamental à noção de invenção. O valor (outra noção deslocada) é criado quando se inventa algo; a difusão desta invenção tem a ver com outro processo, que ficou sobrevalorizado pela crítica durkheimiana a Tarde, o da imitação. A produção de riquezas, ligada à capacidade de produzir (reproduzir – imitar no jargão de Tarde) algo é completamente distinta da operação de criar (produzir-inventar no mesmo jargão) este algo que será difundido (108). Há uma clivagem, em Tarde/Lazzarato, entre fazer e criar, entre (re)produzir e inventar.

Na Filosofia da Diferença, cria-se valor quando se inventa algo; produz-se riqueza quando, mimeticamente, acumula-se dinheiro ao

2. Todas as referências bibliográficas sem maior indicação se referem à obra resenhada.

vender algo para o mercado. São operações completamente distintas para um tardiano, pois, para ele, há uma concepção imanente do processo de constituição da realidade. A filosofia do sujeito, ao imaginar a constituição do mundo como um processo ligado à sua construção pelo sujeito, prende-se à oposição sujeito e objeto que, segundo Lazzarato, é um dos resultados possíveis da constituição imanente operada pela difusão de uma invenção. O mundo da filosofia do sujeito é fechado, capturado; Lazzarato tenta afirmar a realidade do virtual, a realidade dos mundos possíveis, para se contrapor à filosofia do sujeito por meio de uma filosofia da diferença que afirma a multiplicidade (não-totalizante, $n-1$ na máxima deleuziana) e o “excesso” da realidade.

O livro *Monadologia e Sociologia* (Tarde, 2007) é talvez a grande fonte de inspiração para o autor italiano. Publicado em 1893, quando Tarde já era célebre por seu debate com a Antropologia Criminal italiana (Cesare Lombroso) e pela publicação de seu livro que se tornou o mais conhecido em sua época (*Les Lois de L'imitation*), *Monadologia* é uma reapropriação das concepções ontológicas de Leibniz a serviço da sociologia então nascente.

As mônadas são partículas infinitesimais que compõem o mundo. Cada uma delas é diferente das outras: existir, para uma mônada, é diferir (31). A mônada é, de uma só vez, singular e múltipla; tal qual a dobra deleuziana, ela é um ponto que expressa o mundo todo, o universo, de um ponto de vista particular, próprio, específico, singular (30-1). Contra uma concepção ontológica dualista (que separa mente e mundo, duas faces da mesma moeda) ou monista idealista (que coloca que o mundo é uma representação no interior da subjetividade), Tarde defende um monismo materialista, que admite que “todo o universo exterior é composto de almas outras que a minha, mas no fundo semelhantes à minha” (Tarde, 2007:65). Há um psicomorfismo universal, uma materialismo espiritualizado, um miriateísmo generalizado – se

em Durkheim a Sociedade é posta no ponto vazio deixado pelo Deus Cristão secularizado, em Tarde a secularização viria de uma fonte mais próxima a Spinoza. Há uma espiritualização da mônada - ela adquire características antes somente dadas às almas, aos espíritos: “Cada mônada [...] tem, em maior ou menor grau, forças ‘psíquicas’ : desejo, crença, percepção, memória” (29).

Dada sua diferença universal, como é possível pensar a organização do mundo, como é possível a coordenação entre a multitude de mônadas que compõem o mundo? Na aceção leibniziana, o acordo entre elas era garantido por Deus, que as arranhou de determinada maneira para que não houvesse o caos. A explicação desta organização, para Tarde, não será dada por intervenção (ou prevenção) divina: a abertura das mônadas (completamente fechadas e entregues a si na aceção anterior) à influência mútua é o que permitirá que alguma ordem, ainda que não estável, seja efetuada entre elas.

“O universo não é o resultado de uma composição de movimentos mecânicos, mas de um vitalismo imanente da natureza. É sobre tal base de materialismo espiritualizado que se deve compreender que ‘toda coisa é uma sociedade’, ou seja, todo indivíduo (físico, vital, humano) constitui a composição de uma infinidade de outros indivíduos que se juntam, sob formas políticas sempre singulares, fundadas nos desejos e crenças” (29).

Daí provê-se o objetivo das ciências, em especial da sociologia: “Aprender o infinito dentro da finitude” (54), ir em direção ao infinitesimal para explicar a realidade, quantificar os fluxos de crença e desejo que perpassam os indivíduos (as mônadas) para que a composição imanente do mundo (social, no caso da sociologia) possa ser explanada. Há uma artificialidade e um construtivismo infinitesimal, pois uma mônada, por

si só, não pode nada. “A força de uma mônada deve compor-se com a de outras mônadas para aumentar sua potência através de relações de apropriação, de captura” (40). Uma mônada compõe força com outras ao agir sobre elas, ao capturá-las, aos possuí-las (*avoir*): daí entende-se quando Lazzarato diz que o consumo trata de pertencimento a mundos, de adesão a universos (100).

Na famosa definição de Tarde, “A sociedade é ‘a possessão recíproca, sob as mais variadas formas, de todos por cada um’” (36), podemos perceber a também aclamada passagem do ser (*être*) para o ter (*avoir*), da filosofia do sujeito para a filosofia da diferença. Nessa possessão recíproca, captura mútua que estabelece fluxos de crença e de desejo que constroem imaneamente o mundo, se estabelece uma maneira diferenciada de pensar o social, pois a cooperação e a coordenação entre cérebros precede as relações entre trabalhador e capitalista, explorado e explorador, relações estas que são fundadas na primeira relação de cooperação e coordenação. É assim que a neomonadologia consegue se distinguir da economia política e do marxismo, tirando a precedência da divisão do trabalho e colocando-a na criação e efetuação de mundos e do sensível (33).

“O todo social é produzido com a ajuda de uma multiplicidade de singularidades, que agem umas sobre as outras, aproximando-se cada vez mais, propagando hábitos corporais ou mentais, às vezes lentamente, às vezes com a rapidez de difusão de uma espécie de contágio viral através da rede formada pelas mônadas” (43).

Assim, há dois movimentos fundamentais (há ainda um terceiro, o da oposição-hesitação, que ocupa lugar menor na filosofia de Tarde e no livro de Lazzarato) de composição do mundo formado por mônadas: a invenção, a criação de singularidades, novos hábitos e crenças, e a

imitação, a propagação destas singularidades, por meio da repetição, através de fluxos que permitem que as mônadas se possuam.

“O ato de criação sendo uma singularidade, uma diferença, uma criação de possibilidades, deve ser distinguido de seu processo de efetuação (de repetição e propagação pela imitação) que faz dessa diferença uma quantidade social. A efetuação ou propagação da invenção através da imitação expressa a dimensão corporal do acontecimento, sua realização nos agenciamentos espaço-temporais concretos” (45).

A neomonadologia tardiana permite assim prover uma saída à oposição individualismo x holismo do final do século XX sociológico por uma via inesperada: ao contrário das articulações Bourdiana, Giddensiana e tantas outras mais, que buscam no meio termo entre indivíduo e sociedade a solução para estes impasses, Tarde vai na direção da busca de uma dimensão infra-individual para compor o “domínio sui-generis” social, o dos fluxos de crença e desejos que agem interindividualmente, que permitem a cooperação inter-cerebral, a cooperação da multiplicidade de mônadas.

[...] encontramos hoje diante de uma nova situação: as individualidades e as coletividades não são mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada de um processo aberto, imprevisível, arriscado, que deve ao mesmo tempo criar e inventar estas mesmas individualidades e coletividades” (28).

O Sujeito e o Objeto se tornam assim resultado do processo de composição de mundos por essa multiplicidade de relações entre mônadas - “bypassing the notion of structure”, como Bruno Latour (2010) bem coloca. É neste sentido que podemos vislumbrar a sociologia de Tarde, uma sociologia fundada na monadologia, como uma sociologia

“menor”.

O ritornelo é o conceito deleuziano que dá conta do processo de constituição da subjetividade, segundo Lazzarato. Esta subjetividade, como já foi visto, não é dada, ela depende de uma ação de subjetivação, uma dobra, retenções, torções dos fluxos sobre si mesmos para que se componha (56-7). Tal concepção de subjetividade dá espaço a uma fundamentação des-humana do processo de subjetivação (57).

Há também uma teoria da identidade pós-identitária em *Tarde*: entre as massas (amorfas) e as classes (de pertencimento exclusivo e único), o autor concebe a noção de “público”. Os indivíduos podem pertencer “simultaneamente a diferentes públicos”, caracterizando um multipertencimento. “O público é a forma de subjetivação que melhor expressa a plasticidade e a indiferença funcional da subjetividade qualquer (mônada)” (77). É aqui que entra a empresa capitalista contemporânea: para Lazzarato, a principal atividade exercida por esta é a de efetuar mundos, acoplando os mundos do consumidor e do trabalhador, criando públicos para que o produto exista (99-100). “O capitalismo contemporâneo chega primeiro com palavras, signos, imagens” (105).

Este capitalismo contemporâneo é visto através da noção de sociedade de controle, proposta por Deleuze (1992). Há uma captura do virtual, da potência de transformação, do devir na maneira pela qual o controle é contemporaneamente exercido. O “nascimento do capitalismo é sobretudo uma luta contra a infinidade de mundos possíveis que o precederam e o ultrapassaram” (188).

O advento da sociedade de controle significa a utilização de novos instrumentos de poder, modulacionais, que longe de abdicar dos poderes disciplinares, avançam na capacidade de controlar populações,

constituindo públicos através de uma noopolítica, “(conjunto das técnicas de controle) [que] se exerce sobre os cérebros, atuando em primeiro lugar sobre a atenção, para controlar a memória e sua potência virtual [, modulando] os cérebros, constituindo hábitos sobretudo na memória mental” (86).

No capitalismo contemporâneo, “a empresa não cria o objeto (a mercadoria), mas o mundo onde este objeto existe. Tampouco cria o sujeito (trabalhador e consumidor), mas o mundo onde o sujeito existe” (98). A questão da empresa capitalista contemporânea é a de efetuar mundos, acoplando os mundos do consumidor e do trabalhador. “A expressão e a efetuação dos mundos e das subjetividades nele inseridas, a criação e realização do sensível (desejos, crenças, inteligências) antecedem a produção econômica” (100). A multiplicidade de mundos, no entanto, não é “real”, pois estes mundos são “lisos, banais, formatados [...] vazios de toda singularidade”. A multiplicidade aparente ofertada pelo capitalismo captura o virtual, destruindo sua potência, normalizando a “maneira de sentir para instigar maneiras de viver” (101-2). A organização do trabalho também vai na direção do controle dos acontecimentos: dá-se aos trabalhadores capacidade de agir, de antecipar o acontecimento, de estar à altura deles, porém este “controle” é ilusório (109-110; 113-114). Nos sistemas capitalistas,

“as mônadas são capturadas na execução de um trabalho reprodutivo [...] A memória e a atenção não se abrem para o espaço virtual da invenção: a atenção fica subordinada à realização de uma ação finalizada e a memória torna-se um simples hábito, uma repetição contraída no corpo, de tal maneira que a ação se torna assimilável a simples automatismos” (128-9).

Ao fim e ao cabo, algumas palavras de cunho mais opinativo. Temos

um *reassessment* interessante e profícuo que leva os debates propostos a lugares inéditos, reafirmando a capacidade do acontecimento político como momento fundamental de abertura de possibilidades a novos mundos possíveis (contra o marasmo do “fim da história” e do “não há alternativas”). Porém há, de certa forma, uma subestimação da capacidade do capitalismo de se flexibilizar e agir de maneira similar ou mesmo igual à concepção imanente aqui proposta. Não se pode dizer que as alternativas e opções colocadas pelo capitalismo contemporâneo são simplesmente falsas e/ou lisas, banais, normalizadas: elas têm uma potência própria e forte, de captura das mônadas, atuando exatamente nos fluxos de crença (estabilidade) e de desejo (expansão) que perpetraram o capitalismo hodierno. Se há uma vontade de oposição ao capitalismo e à sociedade de controle, ela deve atuar aí, capturando mônadas e direcionando fluxos de crença e de desejo, contra a “naturalização” do sistema enquanto tal e pela abertura de possibilidades à novos mundos possíveis. Se jamais se começa pela troca, e sim pela dádiva, é o caso dos fluxos de desejo (contra-hegemônicos) se contraporem à crença (na naturalidade e eternidade do momento atual) e ao desejo (de consumo) do capitalismo e da sociedade de controle contemporâneos.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, G. (1992), “*Post Scriptum* Sobre As Sociedades de Controle”. *Conversações*. Rio de Janeiro, Editora 34.

LATOUR, B. (2010), “Tarde’s Idea of Quantification”. In: CANDEA, M. (editor) *The Social After Gabriel Tarde: Debates and Assessments*. London: Routledge. Disponível em <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/116-TARDE-CANDEA.pdf>.

LAZZARATO, M. (2006), *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

TARDE, G. (2007), *Monadologia e Sociologia*. São Paulo, Cosac & Naify.

Data de recebimento: 29/06/2011

Data de aprovação: 21/08/2011